
ENTREVISTA COM MILTON GURHAN* **

Nuno Godolphim

Rafael Ioris

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Pergunta: Milton, enquanto fotógrafo, qual seu vínculo com a antropologia?

Milton Gurhan: Já na pergunta você define: eu não sou antropólogo, sou fotógrafo. Eu comecei como jornalista. Quando iniciei a fotografar já era jornalista e foi através da minha relação com a fotografia que eu comecei a me aproximar dos grandes temas, das grandes documentações e assim da antropologia visual. A fotografia para mim é um instrumento de diálogo com o mundo e com a realidade, é uma forma inclusive de compreendê-la. A minha vida mudou depois que eu conheci a possibilidade da fotografia. Enfim, eu fui me aproximando da antropologia na medida em que eu acreditava na época que a antropologia visual era uma forma de registro mais calmo e mais amplo das coisas através da fotografia.

Eu acabei realmente colocando a mão na massa quando fui procurado por uma amiga, a Ana Luisa Faiet, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, que tinha um problema interessantíssimo. Ela estava fazendo um estudo de caso sobre um lixão, que era habitado por uma determinada comunidade. E ela me procurou frente ao problema de como descrever, explicar todo aquele universo; ela me procurou e disse: “Olha, é impossível descrever o lixão com palavras. A coisa lá é incrível.” Eu fui até lá e realmente a coisa era incrível. Era de uma riqueza visual... extremamente prolixo. Inacreditável! Famílias inteiras, mulheres, crianças, velhos, homens cavoucando o lixo e separando o que era plástico, o que era metal, o que era comida, o que era roupa, e aquelas pessoas todas, elas se vestiam do lixo, liam do lixo, comiam do lixo, elas se enfeitavam do lixo e vendiam o lixo para ganhar uma graninha complementar e tal, e viviam no lixo. Então, era muito difícil você simplesmente descrever aquele universo com palavras. E assim eu comecei a trabalhar com antropologia visual. [...]

Mais tarde, dentro ainda dessa perspectiva de utilização da fotografia nas ciências sociais eu esbarrei com um problema grave que é a compreensão da linguagem fotográfica. Buscando caminhos para sistematizar uma reflexão nessa área eu acabei no Mestrado de Comunicação da Universidade de Brasília... Quer dizer, o mestrado em Comunicação me pareceu ser o espaço mais propício para estudar a linguagem fotográfica em si. Quer dizer,

* Milton Gurhan é fotógrafo e doutorando em Antropologia pela EHESS – Marseille.

** O texto desta entrevista, originalmente em vídeo, foi selecionado pelo grupo que atualmente compõe as Oficinas Teóricas – Bases da Antropologia Visual (Navisual, PPGAS/UFRGS): Adriane Luisa Rodolpho, Cláudia Turra Magni, Marlene Massinger, André Becker, Alfredo Barros e Ethon Fonseca. A transcrição do original foi realizada por Amália Kreus, e a entrevista feita por Nuno Godolphim e Rafael Ioris, em julho de 1992.

como é que funciona uma fotografia? O que acontece dentro de uma fotografia, no ato de você produzir uma fotografia, que confere a essa fotografia eficiência na transmissão de uma determinada mensagem, de uma informação qualquer? Uma vez estabelecida essa mecânica de funcionamento da imagem fotográfica, aí fica fácil, porque se você vai tratar o caso do jornalismo você tem como conteúdo da mensagem a notícia, o fato jornalístico. No caso das ciências sociais, no caso da antropologia visual é o dado antropológico. Então, *grosso modo*, fazendo uma simplificação, seria uma aplicação desses postulados da linguagem fotográfica à questão da pesquisa antropológica ou da comunicação jornalística e assim por diante.

Então eu desenvolvi essa reflexão, enfim procurei sistematizar uma reflexão que eu venho fazendo obviamente desde que eu comecei a fotografar, no mestrado de Comunicação, que resultou numa dissertação que se intitulava justamente *Linguagem fotográfica e informação*. Evidentemente, no meu projeto de trabalho eu tive que enfatizar a informação jornalística, mas a mecânica é a mesma. Então, essa é a minha aproximação com a antropologia e eu faço questão de frisar, eu não me considero antropólogo, eu até acho que estou bem situado, na medida em que fiz uma especialização, na medida em que tenho uma carga de leitura muito grande, na medida em que convivo com essa problemática indígena desde 1978, documentando sistematicamente isso tudo, mas na verdade eu não tenho uma formação acadêmica de antropólogo.

Pergunta: Tem a fotografia algo a oferecer à antropologia como dado etnográfico?

Milton Gurhan: Eu até prefiro colocar a questão de outra maneira. Primeiro: a fotografia já ofereceu muito à antropologia, aliás, a fotografia e outros documentos iconográficos, o desenho, etc. e tal, ofereceram o começo da antropologia. A antropologia começou a se desenvolver no gabinete. Quer dizer, a antropologia só foi a campo com o Maillot, até então a antropologia retrabalhava, ela desenvolvia uma reflexão em cima de dados coletados por terceiros: viajantes, relatos de viagens, descrição de sociedades primitivas... Quer dizer, a reflexão antropológica nasceu dessa descrição etnográfica feita a partir de documentos iconográficos, entre eles, a fotografia. No meu entendimento, a antropologia visual, ela se dá quando a fotografia não é um instrumento apropriado pela antropologia. Quer dizer, do fato da antropologia se apropriar de uma fotografia e desenvolver uma reflexão em cima da fotografia, por si só, não caracterizaria a antropologia visual.

O que caracteriza antropologia visual, na minha opinião, é a produção de cinema, vídeo e fotografia como um instrumento de pesquisa antropológica. Quer dizer, a fotografia inserida como um instrumental, mais um instrumento do pesquisador. Aí sim, a gente começa a ter antropologia visual, que, aliás, é assim mesmo que ela nasce: para localizar no tempo e no espaço. Em que momento surgiu essa fantástica antropologia visual? Ela surgiu com Margareth Mead e Gregory Bateson, no *Balinese character*. O que foi que eles fizeram? Eles utilizaram a fotografia e o cinema como um instrumento de pesquisa, de descrição do objeto de estudo, e eles inferiram conhecimento, não só a partir da observação dos dançarinos balineses, como também do resultado do filme. Porque tem muita coisa que eles não viram na hora, mas viram no filme. Então, eu acho que o próprio surgimento da antropologia visual é excelente para exemplificar e definir o que é antropologia visual. Vamos, então, voltar à sua pergunta: temos que fazer uma diferenciação entre cinema, vídeo e fotografia. O cinema e o vídeo têm

diferenças entre si, têm especificidades, mas eles têm uma coisa em comum: eles trabalham com o plano, ou seja, eles trabalham com a seqüência, com o movimento. A fotografia trabalha com o instante. Existe então uma divisão em duas categorias. Não dá para falar em antropologia visual *tout court*. O cinema e o vídeo têm coisas a oferecer à antropologia que são completamente diferentes do que a fotografia tem a oferecer.

Então, a primeira coisa que eu considero fundamental numa relação entre a fotografia e a pesquisa antropológica e, por extensão, do fotógrafo – que é aquele que fotografa – e do antropólogo – que é aquele que pesquisa – fossem, idealmente, uma só pessoa, porque só é possível você trabalhar com essas duas possibilidades – fotografia e pesquisa antropológica – se o fotógrafo se familiarizar com o processo de pesquisa antropológica, o objeto de estudo da antropologia e a sua mecânica, não só de prospecção, de busca de dados, como também de reflexão do dado. Quer dizer: como é que a antropologia busca o seu dado de conteúdo, e como ela procede à combinação de idéias e de conceitos que produz a reflexão antropológica. Se o fotógrafo não souber exatamente como se dá esse processo, apenas por uma coincidência o trabalho dele será um instrumento de pesquisa antropológica. Porque útil à antropologia ele ainda será! Aliás, essa é uma das coisas extraordinárias da antropologia: ela pode viabilizar o raciocínio a partir de qualquer coisa, não só a partir da fotografia como da música que uma determinada comunidade canta, da roupa que o cara usa, enfim, vai por aí afora. E se a antropologia for buscar o concurso de ciências afins, aí então ela viabiliza a partir de coisa nenhuma, a partir dos outros, da ciência dos outros. Eu acho que esse é o grande barato da antropologia.

Então eu acho que o fotógrafo que vai trabalhar nessa área tem que estar perfeitamente sintonizado com essa questão. Ele tem que ser praticamente um antropólogo. E o antropólogo, por sua vez, para poder dialogar com o fotógrafo e com a fotografia, ele tem que estar perfeitamente familiarizado com esse tipo de linguagem, e com o potencial dessa linguagem. Não adianta o cara querer que você tire uma fotografia daquilo que não vai dar foto. Porque nem tudo dá foto. A fotografia não é onipotente, ela não é milagrosa, ela trabalha dentro de parâmetros rígidos, como, aliás, o cinema, o vídeo e o automóvel. Você não pode pegar um carro e querer andar a 200 km/h se ele só dá 120 km/h. Então você deve saber até onde a fotografia pode ir, para saber com o que se pode contar. E, sobretudo, você tem que ser alfabetizado visualmente, você tem que entender da linguagem fotográfica.

Sabemos, e não vai nisso nenhum rancor, que a nossa academia é estruturada em cima da linguagem literária, da linguagem escrita; a transmissão do saber, na nossa cultura, se dá através do livro. O livro, a linguagem escrita, é que é, por excelência, a linguagem do saber. Então, o saber acadêmico se cristaliza na linguagem escrita. Isso aí não tem o menor problema, eu dou a maior força, acho tudo bem, a linguagem escrita é realmente insubstituível, e é a mais ampla possibilidade de comunicação que o homem tem, só que ela não abrange tudo: existem outras formas de se buscar e se transmitir conhecimento, e entre essas outras formas a fotografia tem, modestamente, uma contribuição singular, inestimável a dar no processo de busca e transmissão de conhecimento. E como se dá então a alfabetização visual das pessoas em geral? Se dá na prática. Então é sintomático que só agora nesses últimos anos é que a antropologia visual tenha aparecido, embora ela já exista há quase 50 anos. E isso porque não existia uma formação de leitura de linguagem visual, as pessoas não davam a mínima. E essa formação foi surgindo na era do gibí, da revista em quadrinho. Eu, se tivesse que

fazer um curso de formação em fotografia, começava pelo gibi e pela poesia. “E aí, Gurhan, quando é que a gente vai começar com a fotografia?” “Quando começar a ver, meu irmão, porque enquanto você não aprender a ver, enquanto você ficar olhando o mundo de forma completamente descompromissada, você não vai chegar à essência da fotografia.” Então a minha geração, a geração que está hoje entre os 40 e os 50 anos, é a primeira que viveu intensamente a revista em quadrinhos, a televisão, e foi aprendendo a ver diferentemente, a perceber a representação que existe na imagem gravada e a estabelecer um diálogo com essa representação. E já foi dito que no terceiro milênio será analfabeto aquele que não conseguir ler os signos, não os signos ortográficos, mas quem não souber ler a imagem. Esse, sim, será absolutamente analfabeto, porque não fará a leitura de um mundo cada vez mais iconográfico. Então, retomando a questão: a fotografia tem uma forma específica de representar a realidade, ela trabalha em cima do instante. E tem mais, ela não trabalha em cima do instante visto: ela trabalha em cima do instante percebido.



Então, vamos dividir: existem dois personagens, o antropólogo pesquisador e o fotógrafo documentarista. Quando você trabalha como pesquisador, operador de vídeo ou de cinema, você trabalha em cima da sequência do plano, e a sequência tem uma durabilidade no tempo, então pode ser dirigido, você tem uma direção de cena no cinema ou no vídeo, você tem um diretor do lado do cara que diz: “Agora você começa naquela árvore e vai fechando até chegar naquela maraca que está na mão do índio. Corta! Pega agora um plano geral da aldeia. Agora vamos colocar aqui este pajé em primeiro plano...” Entendeu? Você viaja com aquilo que está ali. A fotografia está em cima do instante que não aconteceu, porque o que foi visto não é mais

fotografia. A fotografia é aquilo que você prevê, antevê, suspeita, adivinha, entra, e quando dá tudo certo você acerta. É aquele instante que ainda não aconteceu. E mais: é um instante registrado em um milésimo de segundo, muitas vezes. E um milésimo de segundo não é um valor que o ser humano trabalha conscientemente. Então, a fotografia vai lidar com a representação de uma realidade a que você não tem acesso, você só tem acesso através da fotografia. Então isso faz com que a fotografia, o ato de fotografar, seja um ato pessoal e intransferível. A partir do momento em que a fotografia passou a dominar o instante, e isso se deu há pouquíssimo tempo, há 60 anos, a partir de 1920, aproximadamente, começou a haver uma garantia de autoria, porque só uma pessoa pode fazer aquela foto naquele momento. É aquela história, é um ato pessoal e intransferível. Então não tem direção, o que tem é acerto prévio. Então o pesquisador tem que se reunir com o fotógrafo e dizer: olha, a pesquisa está indo por esse lado, enfim, situar o fotógrafo, e o fotógrafo tem que trabalhar absolutamente solto, por uma única razão: não tem outra forma de produzir fotografia. Embora o leigo acredite que se pode dizer assim: fotografe aquilo, fotografe aquilo outro, isso representa um problema que nós fotógrafos enfrentamos não só na antropologia como no fotojornalismo, na parceria com o repórter. Em todas as situações em que o fotógrafo está em um trabalho interdisciplinar, as pessoas têm essa tendência de forçar uma barra para dirigir o trabalho do fotógrafo. Mas isso é absolutamente impossível, na medida em que o ato de fotografar se dá dessa maneira que eu descrevi, então não tem como ter direção. Veja bem: se o fotógrafo tem que apreender e dominar esse campo da pesquisa antropológica, e o fotógrafo tem que se aproximar e se alfabetizar na linguagem fotográfica, então na verdade o ideal seria que fossem uma só pessoa.

Como esse ideal é difícil de ser alcançado, porque afinal os talentos são variados. Por exemplo, uma pessoa que tem uma cabeça fantástica para realizar uma reflexão antropológica, talvez não tenha o mesmo talento para perceber uma imagem e vice-versa. Então eu acho que nós teremos uma produção fotográfica voltada para a antropologia visual, uma produção de antropologia visual fotográfica, quando nós formarmos quadros que reúnam essas duas áreas do conhecimento, embora privilegiando uma ou outra. Digamos que eu tenha um domínio do universo de trabalho das possibilidades da antropologia. Posso trabalhar com um antropólogo que entenda meu trabalho de fotografia e eu vou coletar os dados e ele vai viabilizar a reflexão, porque eu sou bom em coletar os dados e ele é bom em viabilizar a reflexão. Acho que é um trabalho de interdisciplinaridade que se dá desse modo.

Pergunta: De que forma se poderia utilizar a fotografia na pesquisa antropológica?

Milton Gurhan: Se você me permite a franqueza, eu acho que a pergunta é muito ambiciosa e eu sou muito modesto para tentar responder essa pergunta. A partir da minha experiência, eu fiz alguns poucos trabalhos específicos com a ambição de estar produzindo antropologia visual, ou seja, de estar produzindo imagem fotográfica como instrumento de pesquisa da antropologia. Eu constatei que nós conseguimos usar a fotografia, em primeiro lugar, como descrição do universo de estudo; depois, como instrumento para inventariar situações visualmente muito prolixas. Tenho até uma foto que intitulei *Hommage à l'anthropologie*. Porque ela mostra uma parede fantástica no barraco de um desses habitantes do lixão, em que você tem o retrato de Iemanjá e o sagrado coração de Jesus, que é, disparado, a imagem mais surrealista já produzida pelo ser humano. É aquela cabeça com uma aura

em volta e um coração do lado de fora do qual saem raios, do lado da Iemanjá, de um time do Flamengo inteirinho, um ou dois cartazes de eleição, vários santinhos, uns retratos de família daqueles pintados à mão e penduricalhos vários. Então aquela parede já era, assim, uma matéria riquíssima de reflexão e entendimento daquela realidade.

E essa fotografia é um inventário de uma situação visualmente muito prolixa e não dá, no seu caderninho de notas, para você ficar descrevendo aquilo tudo. Depois a fotografia foi extremamente útil como uma forma de você estimular a coleta de dados. Isso também aconteceu de uma forma meio casual. Nós fizemos uma foto e demos de presente para as pessoas, como uma forma de criar empatia e de facilitar meu trabalho como fotógrafo. Então as pessoas diante da foto começaram a comentar. A fotografia colocava perguntas, perguntas que nós já tínhamos feito e que não tinham sido respondidas. E perguntas que não nos tinham ocorrido e que resultaram em informações extremamente ricas para a pesquisa. Então a fotografia serviu como detonadora desse processo de idéias decorrente de transferência de informação. E teve casos curiosos, como o de um sujeito que olhou para o seu retrato e disse: “Olha aqui aquele cara que morava ali e que morreu!” Aí eu disse: “Mas esse daqui é você!” E ele disse: “Não, eu não, esse daqui é o que morreu, lembra?” E aí ele começou, como se fosse o alterego a soltar os podres todos do pedaço. Nesse sentido, a fotografia se tornou muito útil. Sem contar a possibilidade de descrever a tecnologia, desde a confecção de um cesto até processos mais complexos ou mais rudimentares, do trabalho, de diversas situações.

Enfim, nesse trabalho mesmo, sobre o lixão, a fotografia foi muito útil para descrever a forma como as pessoas trabalhavam, a forma como elas se vestiam. Você teria que ser um Dostoevski ensandecido para poder descrever todo aquele drama e não se pode exigir tudo isso de um antropólogo. Essas são as formas em que a fotografia vem sendo utilizada, embora ela tenha um campo potencial muito maior. Olha só: a leitura de uma fotografia é tão mais rica quanto a capacidade do leitor de se perceber das nuances contidas naquela imagem fotográfica. Então, na medida em que o antropólogo se familiarize com a linguagem fotográfica, com a possibilidade de uma fotografia ser diferente de uma outra fotografia, pode mergulhar naquela imagem e fazer uma leitura extremamente rica que ele, como antropólogo, é o cara que vai viabilizar a reflexão antropológica, e aí ele vai tirar seus dados.

Eu tenho certeza absoluta que muitas das fotografias que eu faço, e aí eu estou esbarrando na falta de modéstia, mas eu às vezes vejo uma cena tão extraordinária, sobretudo entre as populações indígenas, e consigo chegar junto com a realidade, extrair um momento extremamente singular em que eu consigo fazer uma leitura completa, ou pelo menos uma leitura bastante rica do caráter daquele povo, das relações sociais que rolam ali. Mostro para um antropólogo e ele diz: “É... bonita foto.” Ou seja, o cara não mergulhou ali. E ninguém é obrigado a mergulhar ali, cada um tem a sua *egotrip*, tem a sua loucura pessoal. Mas se ele pudesse entender o código de representação da fotografia, talvez ele pudesse compreender um pouco do que está contido naquela imagem, do que toca a estrutura social.

Eu tive a oportunidade de mostrar para vocês uma foto, de discutir uma imagem de duas índias se pintando. Para mim é evidente, a relação entre as duas mulheres deixa claro um tipo de cultura completamente inversa da nossa. Duas mulheres na nossa sociedade jamais se aproximariam daquela maneira, não teriam esse grau de abstração, de entrega. De entrega pura e simples, entrega para pintar um rosto, uma coisa natural, simples. A postura que uma se coloca, com uma toalha no ombro, a outra sem toalha nenhuma, enfim, aquela situação

me dá uma série de elementos que são da cultura dos Kamaiurá, que não está diretamente explicitado naquela imagem fotográfica, está contido naquela imagem fotográfica. E tem que ser decodificado, e a partir disso se desenvolver uma reflexão. E esse é o trabalho de um antropólogo, desde que ele seja capaz de mergulhar nisso que está aí.

Pergunta: Como tu trabalhas a relação sujeito e objeto? Como se dá a tua postura em campo?

Milton Gurhan: A coisa mais importante quando você se aproxima de uma cultura diversa é o respeito pela outra cultura. Eu acho que o maior obstáculo que nós temos para o trabalho antropológico, fotográfico, etc. e tal, é o nosso etnocentrismo exacerbado. Isso que está aí está extremamente introjetado. E também não é problema nosso só, não. Você pega, por exemplo, os Ianomami para ver o que eles pensam do mundo. Eles são o povo, Ianomami, os filhos de Omami, os criados de Omami, os próximos de Omami, que foi o criador de tudo, e o resto é o resto. E para todo o povo indígena, é assim: o povo, a gente, e o resto é o resto. Então, eu acho que esse etnocentrismo às vezes nos atrapalha em uma relação de respeito com uma realidade diversificada, diversa da nossa. Com relação à fotografia, então isso é cruel. Se você não tiver respeito pelo seu objeto fotografado e respeito por si próprio, você não tem nenhuma condição de produzir nada de relevante. A minha postura em campo é uma postura que leva em consideração essas premissas.

Agora, é importante a gente notar que, na fotografia de caráter etnográfico ou antropológico, o mais importante de se registrar é o que continua no tempo. Para fazer um paralelo: enquanto que no jornalismo você trabalha com a notícia, que é uma coisa extremamente fugaz, com o furo, com a foto roubada, você tem uma disputa com o tempo e com a realidade o tempo todo, em um registro etnográfico a coisa não se dá assim. Se trabalha em cima do fato continuado. É extremamente importante você não ofender e não interferir naquilo que está acontecendo. O fotógrafo por si só já é uma interferência, então o equipamento tem que ser o mais simples possível: motor, *flash*, grandes teleobjetivas, muito equipamento deve ser evitado. Deve se trabalhar o mais despercebidamente possível, com luz ambiente, o mais silenciosamente possível.

Tem um fotógrafo americano, chamado William Clark, que não faz antropologia visual, que é um dos mais fantásticos fotógrafos contemporâneos. Ele trabalha notadamente com grande angular, que é uma lente que obriga a uma aproximação muito grande. E ele fotografa multidão: as fotos dele têm sempre 14, 15, 16 pessoas ou elementos. E certa vez perguntaram para ele: “Como você faz para trabalhar em lugares em que as pessoas não te conhecem, as pessoas não ficam griladas?” Aí ele disse assim: “Quando eu chego, é claro, as pessoas se grilam um pouco, mas eu também não fico achando que sou o cara mais importante do mundo, não. Eu finjo que o que eu estou fazendo não é importante, é uma coisinha à-toa, estou só tirando uns retratos. Aí eu vou fazendo um retrato aqui, outro ali e, no final de 15 minutos, todo mundo me esqueceu. Aí eu meto bronca.” Então eu acho que é mais ou menos por aí: esta postura do fotógrafo de chamar a atenção só atrapalha. O mais importante é você não mascarar a realidade. E isso é muito difícil, afinal quando você aponta uma lente, seja índio isolado, índio aculturado, seja pescador, seja umbandista, seja professor universitário, enfim, todo mundo se grila. Aí a gente tem que ser muito cuidadoso, sobretudo porque em nosso trabalho a ação continuada é que é importante.

Pergunta: O que tu dirias aos antropólogos que agora iniciam a usar a fotografia em suas pesquisas?

Milton Gurhan: Olha, eu não vou dizer nada, não. Você me desculpe a franqueza, eu até sabia que essa pergunta poderia ser colocada e esse tempo todo eu estou pensando nela. Eu acho essa pergunta uma pergunta muito capciosa. Primeiro porque, para dizer alguma coisa, eu tenho que considerar que tenho uma verdade acabada, e como está demonstrado por este papo, eu não tenho. O que eu teria para dizer a um fotógrafo, antropólogo, seja lá quem for que esteja envolvido com isso, eu já disse. E depois esse negócio de estar começando é muito relativo, as pessoas começam de patamares diferentes. Nós já tivemos uma discussão em que alguém disse assim: “O Sebastião Salgado disse que o conselho que ele dá a um fotógrafo que esteja começando é aprender tudo sobre filme.” Eu não sei em que contexto ele disse isso. Ele poderia dizer que tem que aprender tudo sobre a luz, porque isso é o que eu diria. Se eu só pudesse dizer uma coisa, eu diria “luz!”. Porque sem luz não tem fotografia. Agora, tem sujeito que já saca muito a luz e não saca de filme. Tem sujeito que saca muito de antropologia e não saca nada de imagem. As pessoas começam de patamares diferentes.

O que eu considero fundamental para você produzir alguma coisa em antropologia visual é que o antropólogo se alfabetize visualmente, que entenda alguma coisa de linguagem fotográfica para saber o que pedir e saber ler, e através da leitura viabilizar sua reflexão antropológica. E o fotógrafo tem que, miseravelmente, se familiarizar com o objeto de pesquisa da antropologia, com o método de pesquisa da antropologia. Porque senão é um mudo conversando com um surdo, não vai dar!

